



RELISE

EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL E O *TRIPLE BOTTOM LINE*: MAPEANDO A LITERATURA INTERNACIONAL¹

*Leandro Rodrigo Canto Bonfim*²

*Afonso Ricardo Paloma Vicente*³

*Fernando Antonio Prado Gimenez*⁴

RESUMO

O empreendedorismo sustentável é um tema de recente ascensão nos estudos de empreendedorismo. Deste modo, no presente artigo tem-se como objetivo mapear a produção internacional sobre empreendedorismo sustentável sob a ótica do *triple bottom line*, visando, deste modo, identificar seus principais temas e resultados para oferecer uma visão geral de como o tema tem sido abordado na literatura internacional. Foi adotada a estratégia bibliométrica de investigação, na qual os procedimentos de análise de redes sociais, estatísticas descritivas e análise temática de conteúdo foram empregados. Os resultados apontam que o campo apresenta como temas recorrentes os avanços teóricos e proposições conceituais, educação para o empreendedorismo sustentável, oportunidades e recursos, aspectos de gestão sustentável, empreendedorismo verde, e orientação e prática empreendedora. Constatou-se a falta de rigor conceitual que é devido ao empreendedorismo sustentável, vez que o termo acaba sendo adotado mesmo sem a observação das suas três dimensões: social, ambiental e econômica.

Palavras-chave: Empreendedorismo sustentável; *Triple bottom line*; Sustentabilidade; Empreendedorismo verde.

ABSTRACT

Sustainable entrepreneurship recently emerged as a theme in entrepreneurship studies. Thus, in the present paper the goal is to map the international production about sustainable entrepreneurship by means of the triple bottom line lens, aiming to identify its main subjects and results in order to offer a general overview about how the theme has been approached in the international literature. Bibliometrics was adopted as a research strategy, with social network analysis, descriptive statistics

¹ Recebido em 01/08/2017.

² Universidade Federal do Paraná. leanbonfim@yahoo.com.br.

³ Universidade Federal do Paraná. arpvicente@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Paraná. gimenez@ufpr.br.



RELISE

and thematic content analysis. The results showed that the field presents recurrent themes, such as theoretical advances and conceptual propositions; education to sustainable entrepreneurship; resources and opportunities; sustainable management aspects; green entrepreneurship; and entrepreneurial practice and orientation. It was verified the lack of conceptual rigor of the sustainable entrepreneurship, once it is adopted even when not referring to its three dimensions: social, environmental and economic dimensions.

Keywords: Sustainable entrepreneurship; Triple bottom line; Sustainability; Green entrepreneurship.

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade é uma preocupação que transcende o nível organizacional para se manifestar como uma questão global para as sociedades contemporâneas. Em setembro de 2000, dirigentes de 191 países elaboraram a Declaração do Milênio (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU], 2001) cujo objetivo era combater a extrema pobreza e outros males sofridos pela humanidade. Este documento redundou no estabelecimento dos oito objetivos de desenvolvimento do milênio que deveriam ter sido alcançados até o final de 2015. Dados publicados pela ONU informam resultados positivos, até 2015, sobre a redução em mais da metade do número de pessoas que vivem em extrema pobreza e de quase metade das pessoas subnutridas nas regiões em desenvolvimento, bem como ampliação nas taxas de matrículas no ensino primário nessas regiões, como maior presença das meninas. Além disso, houve diminuição da taxa de mortalidade de menores de cinco anos em 59% e da mortalidade materna em 45% para o mundo todo (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO [PNUD], 2016a).

Em 2015, um novo pacto global capitaneado pela ONU ampliou os objetivos do documento anterior, estabelecendo os objetivos do desenvolvimento sustentável



RELISE

com metas para 2030. Entre estes se encontram: acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhorar a nutrição; assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos; garantir educação inclusiva, equitativa e de qualidade; alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas; garantir disponibilidade e manejo sustentável da água; garantir acesso à energia barata, confiável e sustentável; promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável; construir infraestrutura resiliente e promover a industrialização inclusiva; reduzir a desigualdade entre os países e dentro deles; tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros e resilientes; assegurar padrões de consumo e produção sustentável; tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima; conservar e promover o uso sustentável dos oceanos; proteger, recuperar e promover o uso sustentável das florestas; promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável; e fortalecer os mecanismos de implementação e revitalizar a parceria global (PNUD, 2016b).

O atingimento desses objetivos envolve a ação de organizações de diferentes naturezas, passando por órgãos de governo, empresas de todos os portes e organizações não governamentais. No entanto, no caso das empresas, para que a sustentabilidade seja considerada como objetivo empresarial, se faz necessária a alteração de sua lógica de atuação, passando a incluir entre seus objetivos aspectos de equidade social e preservação da qualidade ambiental, além do lucro. Dito de outra forma, deve-se buscar uma harmonização entre objetivos sociais, ambientais e econômicos, com base no que Veiga (2008) denominou o duplo imperativo ético de solidariedade sincrônica com a geração atual e de solidariedade diacrônica com as gerações futuras.



RELISE

Essas transformações no modo de pensar os objetivos das empresas e outras formas de organização impactam o processo empreendedor e têm sido tratadas no campo da pesquisa em empreendedorismo sob o termo “empreendedorismo sustentável”. O objetivo desse texto é mapear a produção internacional sobre este assunto visando identificar seus principais temas e resultados, com vistas a oferecer uma visão geral de como o empreendedorismo sustentável tem sido abordado na literatura. Para atingir esta finalidade, o texto está composto por mais quatro seções além desta introdução. Na próxima, trata-se do significado do empreendedorismo sustentável a partir de sua discussão por outros pesquisadores. A terceira seção apresenta os procedimentos adotados na busca e análise da literatura sobre empreendedorismo sustentável. Na quarta seção são apresentados uma análise bibliométrica exploratória e os temas mais frequentes encontrados na análise da produção científica sobre empreendedorismo sustentável. Por fim, conclui-se o trabalho apontando a contribuição do artigo para o campo de conhecimento, limitações e sugestões de estudos futuros.

O QUE É EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL?

Durante as últimas duas décadas vem emergindo na literatura em Administração a preocupação da contrapartida das organizações para com a sociedade em modo geral. Nesse sentido, um dos grandes pilares emergentes foi o chamado *triple bottom line* (*people, profit, planet*), desenvolvido por Elkington (1997), ao argumentar que é possível que corporações capitalistas possam contribuir nas esferas ambiental e social. Para ilustrar tal fenômeno, Elkington (1997) adotou a metáfora de canibais usando garfos. Nesse sentido, as corporações capitalistas são vistas como canibais que buscam devorar seus competidores, e o garfo, seria um novo movimento em direção à civilidade dessas corporações como negócios



RELISE

sustentáveis. É necessário, contudo, que seja salientado que as organizações não devem perder de vista o desenvolvimento econômico, sem o que a sua viabilidade seria impossibilitada, mas também devem olhar para as outras duas dimensões, a qualidade ambiental e a justiça social.

Ao trazer a discussão acerca da sustentabilidade, representada pelo *triple bottom line*, Elkington (1997) despertou interesse dos pesquisadores do empreendedorismo, que desenvolveram diversas abordagens levando em consideração os aspectos ambientais e sociais dos negócios (SCHAEFER; CORNER; KEARINS, 2015; THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011). Dentre tais abordagens, três se tornaram proeminentes no campo, a do empreendedorismo social, do empreendedorismo ambiental ou ecoempreendedorismo (ISAAK, 2002; PASTAKIA, 1998; SCHALTEGGER, 2002), e a do empreendedorismo sustentável.

O primeiro tipo, o empreendedorismo ambiental ou verde, começou a surgir quando os clientes começaram a se atentar para os danos ambientais causados pelas empresas, buscando, de alguma forma, consumir de maneira consciente produtos ecologicamente amigáveis (PASTAKIA, 1998), ao mesmo tempo em que a escassez de recursos naturais começou a ficar cada vez mais evidente em escala global (ALLEN; MALIN, 2008). É relevante salientar que nesse tipo o idealismo ou a visão dos proprietários é marcante (DIXON; CLIFFORD, 2007).

Contudo, para Isaak (2002), nem toda empresa verde nasceu assim ou realmente é verde com o objetivo de mitigar os impactos ambientais. Assim, empresas verdes, aquelas que adotaram práticas para explorar falhas de mercado, geralmente o fazem em fases maduras, ao passo que as empresas verdes-verdes (em sua essência), são aquelas empresas que nascem verdes, imbuídas de um forte idealismo ambientalista dos empreendedores.



RELISE

O estudo do segundo tipo, o empreendedorismo social, ganhou corpo pela redução do papel dos governos e pelo aumento das expectativas em torno do papel das empresas nas questões sociais (JENNER, 2016). O empreendedorismo social é caracterizado pela primazia da criação de valor social, de modo que o valor econômico é visto como um meio de manter a viabilidade do negócio para continuar a missão social (MAIR; MARTI, 2006). Entende-se que o empreendedorismo social pode ter como meio tanto organizações sem fins lucrativos, que possuem como único objetivo o bem-estar social, assim como empresas privadas com fins lucrativos que têm a preocupação em melhorar as condições de vida tanto dos seus próprios funcionários, quanto da comunidade em que estão inseridas (THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011; ZAHRA; GEDAJLOVIC; NEUBAUM; SHULMAN, 2009). Um dos casos mais representativos de empreendedorismo social é o banco social Grameen, no Bangladesh (MAIR; MARTI, 2006; YUNUS; MOINGEON; LEHMANN-ORTEGA, 2010).

O terceiro tipo, o empreendedorismo sustentável, surgiu quando as noções de sustentabilidade e responsabilidade social corporativa ganharam relevância na área de estratégia corporativa (HALL; DANEKE; LENOX, 2010), tendo, então, como premissa a indissociabilidade das dimensões econômica, social e ambiental (THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011). Assim, as definições consagradas de empreendedorismo sustentável a consideram como a descoberta, criação e exploração de oportunidades geradas por meio das falhas de mercado, com o objetivo de melhorar a justiça social e reduzir os impactos ambientais (DEAN; MCMULLEN, 2007; HOCKERTS; WUSTENHAGEN, 2010; PACHECO; DEAN; PAYNE, 2010).

Algumas considerações necessitam ser feitas quando se trata de empreendedorismo sustentável. A primeira refere-se à questão da visão de



RELISE

benefícios de longo prazo ocasionado pelo empreendedorismo sustentável (THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011). Nesse sentido, estudos como de Schaefer, Corner e Kearins (2015) apontam o empreendedorismo sustentável como uma das formas de promover mudanças transformacionais em direção à garantia da perenidade da vida humana na terra. Com mesmo enfoque, estudos recentes têm apresentado o mesmo como fonte de mudanças institucionais na sociedade em direção a práticas e valores sustentáveis (PARISH; FOXON, 2009; SPENCE; GHERIB; BIWOLE, 2011).

A segunda questão, assim como ocorrido no empreendedorismo ambiental (ISAAK, 2002), é a diferença no foco entre os graus de maturidade dos empreendedores sustentáveis. Neste ponto, Hockerts e Wustenhagen (2010) apresentam a tipologia dos Davis emergentes em contraponto com os Golias incumbentes. Os primeiros são os empreendedores sustentáveis de empresas que nascem sustentáveis, ao passo que os segundos são grandes empresas que acabam adotando práticas sustentáveis para explorar demandas de mercado, de modo que podem ser vistos como empreendedores sustentáveis incumbentes.

A terceira consideração diz respeito à limitação da definição de empreendedorismo sustentável em si. Ao considerá-lo como exploração de oportunidades geradas pelas falhas de mercado, acaba-se por negligenciar aspectos visionários e de idealismos que se encontram presentes, por exemplo, na abordagem do empreendedorismo ambiental (DIXON; CLIFFORD, 2007), e que podem também motivar o empreendedorismo sustentável. Deste modo, argumenta-se que é possível encontrar empreendedores sustentáveis movidos pela paixão pela causa sustentável, mesmo que não haja oportunidades ou falhas de mercado visíveis.



RELISE

165

Considerando que o conceito de empreendedorismo sustentável engloba objetivos sociais, ambientais e econômicos, na próxima seção são descritos os procedimentos de busca e análise da publicação científica sobre este tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo deste estudo foi mapear as publicações acerca do empreendedorismo sustentável em periódicos científicos internacionais apontando os temas estudados e resultados. Portanto, utilizou-se a estratégia de investigação bibliométrica para atingir o objetivo proposto. Segundo Araújo (2006), os estudos bibliométricos utilizam técnicas quantitativas e estatísticas para a investigação de determinada produção do conhecimento científico.

Com a finalidade de identificar as principais palavras-chave relacionadas ao tema para o levantamento, o mapeamento começou primeiramente com a busca exploratória dos artigos, onde se utilizou as palavras-chave "sustainab* entrepreneur*" na base *Web of Knowledge*. Foram encontrados 108 documentos, dos quais 67 eram artigos científicos. Para complementar a análise, foram acrescentados os artigos (n=11) que não surgiram na busca pela *Web of Knowledge*, mas que constavam em Schaefer, Corner e Kearins (2015) que fizeram levantamento similar nas bases ProQuest e EBSCO. Assim, o conjunto final de textos encontrados foi de 78.

Uma vez que, ao focar em uma das dimensões sem levar em consideração as outras duas, perde-se a riqueza analítica do fenômeno (THOMPSON; KIEFER; YORK, 2011), adotou-se como critério de seleção dos artigos para análise a presença do entendimento de empreendedorismo sustentável nas suas três dimensões, econômica, social e ambiental. Dado esse critério, mesmo artigos reconhecidamente centrais do campo acabaram sendo excluídos da análise



RELISE

166

temática (e.g. DEAN; MCMULLEN, 2007; GIBBS, 2009; MEEK; PACHECO; YORK, 2010; YORK; VENKATARAMAN, 2010). Este processo levou à identificação de 33 artigos que tratavam especificamente de empreendedorismo sustentável.

Realizou-se o *download* de todos os artigos e os dados foram coletados de acordo com algumas categorias de análise e, posteriormente, tabulados no *software* Excel 2013. As categorias foram: a) Nome do periódico científico; b) Ano de publicação; c) Nome dos autores; d) Aspectos metodológicos: tipo de pesquisa, abordagem de pesquisa, estratégia de pesquisa, técnicas de coleta e análise dos dados; e) Estudos futuros propostos pelos autores.

Para a análise bibliométrica utilizou-se de estatística descritiva (frequência) e análise temática de conteúdo para identificar os temas principais de cada artigo a partir de sua leitura e formar grupos com enfoque comum para efeitos de comparação (FLICK, 2009). Na análise sociométrica buscou-se a identificação das redes de autores e instituições, bem como o cálculo dos indicadores de densidade e centralidade.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Inicialmente fez-se uma análise de redes sociais das referências citadas nos artigos analisados para verificar quais são centrais para o campo em estudo. A análise se deu por meio da construção de uma matriz sociométrica binária e assimétrica de citações, que totalizou 1888 observações (entre artigos analisados e os citados por eles). A análise foi realizada com o *software* UCInet VI (BORGATTI; EVERETT; FREEMAN, 2002) com o auxílio do pacote NetDraw (BORGATTI, 2002) para elaboração do sociograma geral das relações (Figura 1). Para que a percepção do *core* da rede fosse facilitada, foram removidos os nós pendentes (i.e., um ego



RELISE

167

que possui relação com apenas um alterego) conforme recomendado por Hanneman e Riddle (2005).

O resultado da extração da coesão geral da rede apontou para uma densidade da rede de 3,8%, representando a proporção de todos os laços possíveis que se mostram presentes na rede (HANNEMAN; RIDDLE, 2005). Em estudos bibliométricos, a densidade da rede reflete o quanto um campo de estudos possui bases comuns (VOGEL; GUTTEL, 2013). O campo do empreendedorismo sustentável, como pode ser verificado a seguir, ainda não possui bases comuns sólidas, de modo que ainda se encontra muito disperso dentre suas correntes e temáticas, visto que ainda é um campo de estudo em *status nascendi*.

Foi possível verificar que a maior parte da rede é composta por atores de centralidade de grau *in-degree* igual a 1, ou seja, foram citados apenas 1 vez dentre os 33 artigos analisados. Ainda é possível observar que alguns artigos analisados encontram-se na periferia da rede, ou seja, possuem poucas citações em comum com os demais atores da rede, como (1) Rodrigues-Pose e Palavicini-Corona (2013), (3) Craals e Vereek (2005), e (4) Balmer, Powell e Greyser (2011) com apenas uma citação em comum com outros artigos, (16) Badulescu, Badulescu, Bac, Sipos-Gug (2014) com dois artigos com citação comum, e (2) Silajdzic, Kurtagic, Vucijak (2015), e (15) Keijzers (2002) com três citações comuns a outros artigos.

Na Tabela 1 estão dispostas as medidas de centralidade de grau *in-degree* dos artigos citados. Tal medida refere-se à quantidade de vezes em que determinado ator é citado pelos demais componentes da rede (SCOTT, 2000), o que permite inferir que os mesmos são mais influentes no campo em relação aos artigos menos citados. Os atores mais relevantes, destacados no grafo (Figura 1) pelas letras A, B, C, e D, foram respectivamente, Cohen e Winn (2007), Dean e McMullen (2007), Pastakia (1998), e Zahra *et al* (2009).



RELISE

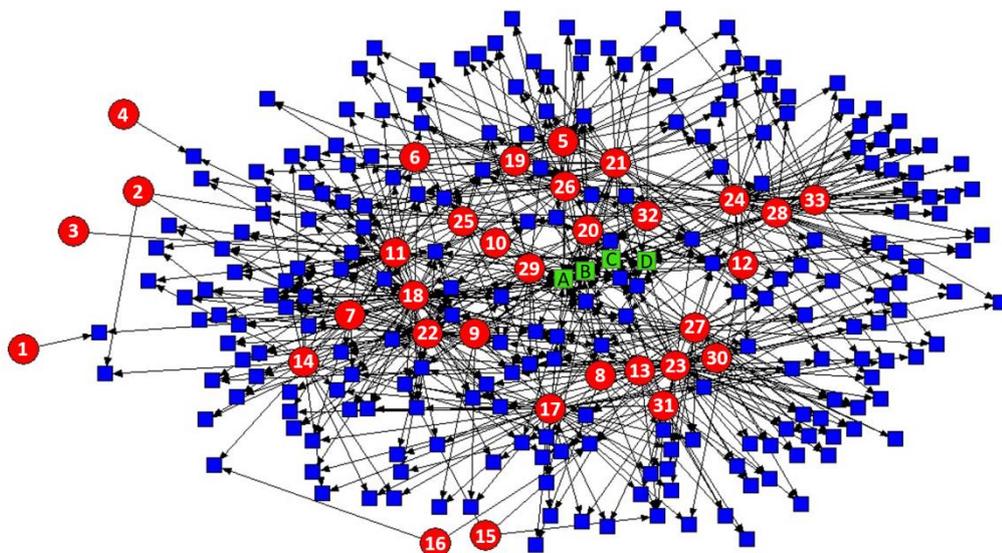


Figura 1 - Sociograma da rede de artigos citados no campo de empreendedorismo sustentável
 Fonte: Os autores (2017)

Tabela 1 - Centralidade de grau in-degree dos artigos citados no estudo

Textos mais citados	Citações	Frequência (%)
Cohen & Winn (2007)*	21	61.8
Dean & McMullen (2007)	17	50.0
Pastakaia (1998)	10	29.4
Zahra, Gedajlovic, Neubaum, & Shulman (2009)	10	29.4
Schumpeter (1934)	8	23.5
Hall, Daneke, & Lenox (2010)*	8	23.5
Shane & Venkataraman (2000)	8	23.5
Isaak (2002)	8	23.5
Keogh & Polonsky (1998)	8	23.5
Parrish (2010)	7	20.6
Hockerts & Wustenhagen (2010)*	7	20.6
Mair & Marti (2006)	7	20.6
Shepherd & Patzelt (2011)*	7	20.6
Venkataraman (1997)	7	20.6
Schaltegger (2002)	7	20.6
Elkington (1997)	7	20.6

Fonte: Os autores (2017). * Artigos marcados fazem parte dos que foram coletados e analisados



RELISE

169

A partir dos procedimentos metodológicos adotados, foi possível identificar os periódicos científicos em que se concentram os estudos a respeito do tema. O *Journal of Cleaner Production* foi o periódico com maior número de publicações (12,1%), seguido do *Journal of Business Venturing* (9,1%). Na Tabela 2 apresentam-se os demais periódicos, bem como sua frequência dos estudos a respeito do tema. Periódicos com apenas uma publicação, representam 42,4% do total.

Tabela 2 - Periódicos Científicos das publicações encontradas

Periódicos	Número de artigos por periódico	Frequência (%)
Journal of Cleaner Production	4	12,1%
Journal of Business Venturing	3	9,1%
Amfiteatru Economic	2	6,1%
Business Strategy and the Environment	2	6,1%
Entrepreneurship Theory and Practice	2	6,1%
Greenleaf Publishing	2	6,1%
Journal of Business Ethics	2	6,1%
Organization & Environment	2	6,1%
Outros	14	42,4%
Total	33	100%

Fonte: os autores (2017)

Com relação à temporalidade das publicações, o estudo compreendeu os anos de 2002 a 2015. O primeiro estudo identificado a respeito do tema foi publicado em 2002 no *Journal of Cleaner Production*, intitulado “*The transition to the sustainable enterprise*”, sob autoria de Gerard Keijzers. Na época, o autor apresentou que durante o processo de transição das empresas sustentáveis, elas devem contribuir substancialmente para o desenvolvimento de conhecimentos e novas tecnologias para produtos sustentáveis, serviços e infraestrutura. O autor também mostrou que, mais do que no passado, as empresas irão experimentar



RELISE

170

pressões para assumir suas responsabilidades substanciais para um desenvolvimento ecológico, económico e social sustentável.

Até o ano de 2010 a quantidade de publicações sobre o tema era irrisória, no entanto, neste mesmo ano, foi publicada uma edição especial realizada pelo *Journal of Business Venturing* (HALL; DANEKE; LENOX, 2010), porém, artigos que trataram de empreendedorismo sustentável em suas três dimensões, como tratado nesse estudo, somaram apenas três estudos.

É possível visualizar na figura 2, o aumento do número de publicações sobre o tema a partir de 2011, apesar de que ainda não é possível constatar um padrão de crescimento ao longo do tempo, que tem se mantido inconstante nesse período com pequeno crescimento a partir de 2013.

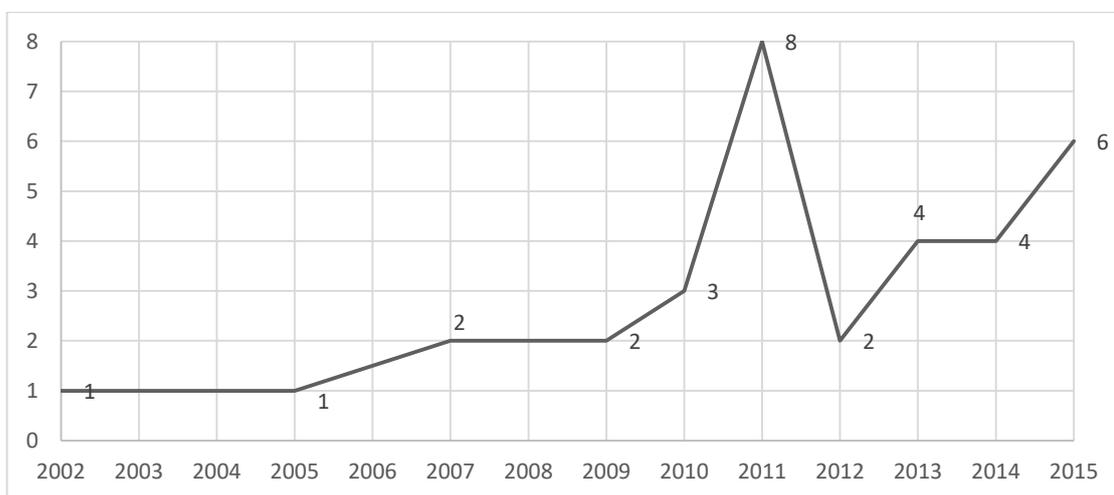


Figura 2 - Publicações sobre o tema nos entre os anos 2002 e 2015
Fonte: Os autores (2017)

Ao analisar a metodologia dos estudos, nota-se que 57,6% dos estudos são empíricos, sendo que, desses, 52,6 % quantitativos e 47,4% são estudos qualitativos. Esses e outros dados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Tipo de Pesquisa e Abordagem de Pesquisa dos estudos

Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo, v. 3, n. 3, p. 158-192, mai-jun, 2018
ISSN: 2448-2889



RELISE

171

Tipo de Pesquisa	Quantidade	Frequência (%)
Pesquisa Empírica	19	57,6
Ensaio Teórico	14	42,4
Total	33	100,0
Abordagem de Pesquisa (Estudos Empíricos)	Quantidade	Frequência (%)
Quantitativo	10	52,6
Qualitativo	9	47,4
Total	19	100,0

Fonte: Os autores (2017)

A partir da análise metodológica também foi possível identificar algumas estratégias de pesquisa. Do total de artigos empíricos, seis utilizaram *Survey*, representando 31,6% do total, seguido do método Estudo de caso com 26,3%. Essas e as demais estratégias são apresentadas na Tabela 4.

Tabela 4 - Estratégias de Pesquisa dos estudos

Estratégia de Pesquisa	Quantidade	Frequência (%)
<i>Survey</i>	6	31,6
Estudo de Caso	5	26,3
Estudo de Casos Múltiplos	4	21,0
<i>Grounded Theory</i>	1	5,3
Outros	3	15,8
Total	19	100,0

Fonte: Os autores (2017)

Finalizando a análise metodológica, verificaram-se também as técnicas de coleta e análise dos dados. Como se pode notar na Tabela 5, 30,5% do total de técnicas de coleta dos estudos foram entrevistas, 19,4% foram dados secundários e documentos bem como questionários somaram, ambos, 13,9%. Nota-se que 2,8% do total não especificaram a técnica de coleta utilizada.

No que se refere às técnicas de análise dos dados, boa parte dos estudos não especificam, ou seja, 72,1% dos estudos não apresentaram quais métodos de



RELISE

análise foram utilizados para tratar os dados obtidos. A análise de conteúdo foi a técnica mais utilizada, representando 11,1% do total. Para os dados quantitativos, as técnicas *Alpha de Cronbach*, assim como Análise fatorial e *Clusters* somaram 5,6% cada. Os demais resultados das técnicas de análise, bem como de coleta de dados são apresentados abaixo na Tabela 5.

Tabela 5 - Técnica de Coleta e Análise dos dados utilizados nos estudos

Técnicas de Coleta	Quantidade	Frequência (%)
Entrevistas	11	30,5
Dados secundários	7	19,4
Documentos	5	13,9
Questionário	5	13,9
Observação participante	3	8,3
Conversa estratégica	1	2,8
Escalas	1	2,8
Grupo focal	1	2,8
Observação não participante	1	2,8
Não informado	1	2,8
Total	36	100,0
Técnica de Análise de Dados	Quantidade	Frequência (%)
Análise de Conteúdo	2	11,1
<i>Alpha de Cronbach</i>	1	5,6
Análise Fatorial	1	5,6
<i>Clusters</i>	1	5,6
Não informado	13	72,1
Total	18	100,0

Fonte: Os autores (2017)

Por fim, realizou-se a análise qualitativa dos textos, o que permitiu a identificação dos temas mais frequentes na literatura sobre empreendedorismo sustentável: avanços teóricos e proposições conceituais; educação para o empreendedorismo sustentável; oportunidades e recursos; aspectos de gestão



RELISE

sustentável; empreendedorismo verde; e orientação e prática empreendedora. Estes são apresentados a seguir.

Avanços teóricos e proposições conceituais

Hall, Daneke e Lenox (2010) fizeram uma análise do estado da arte do tema e sugerem questões que devem ser investigadas. Os autores evidenciaram que, até aquele ano, a maioria dos estudos publicados sobre a sustentabilidade nos negócios estava mais relacionada às ações de empresas já existentes e poucos tinham por foco a criação de novos negócios. Entre os poucos estudos que efetivamente trataram de temas associados ao empreendedorismo, foram investigadas questões sobre a motivação de empreendedores sustentáveis e se as oportunidades sustentáveis são mais aproveitadas pela criação de novos empreendimentos ou por empreendimentos já existentes.

Thompson, Kiefer e York (2011) realizaram análise da literatura sobre empreendedorismo social, ambiental e sustentável em busca de diferenças e similaridades entre os três temas. A análise foi focada na exploração de conceitos, perguntas principais, metodologias empíricas e raízes disciplinares. Os autores concluíram que, embora os temas sejam distintos entre si e, também, de formas mais tradicionais de empreendedorismo comercial, os três tipos de empreendedorismo são, na verdade, contextos específicos promissores para o entendimento do campo do empreendedorismo em geral. Ou seja, para Thompson, Kiefer e York (2011), empreendedorismo social, ambiental e sustentável não constituem campos independentes do estudo do empreendedorismo.

Por ser um tema cujo estudo ainda é recente, há um conjunto de textos que discutem aspectos conceituais do empreendedorismo sustentável. Shepherd e Patzelt (2011), ao analisarem a literatura sobre desenvolvimento sustentável e



RELISE

174

empreendedorismo, definem que o foco do empreendedorismo sustentável está na preservação da natureza, sustentação da vida e da comunidade, em busca de oportunidades para criar produtos, processos e serviços que promovam ganhos econômicos e não econômicos para os indivíduos, a economia e a sociedade.

De forma análoga, Hockerts e Wustenhagen (2010) também associaram o empreendedorismo sustentável à descoberta e exploração de oportunidades econômicas que permitem a uma indústria atingir um estado social e ambientalmente mais sustentável. Em sua proposição, os autores sugerem que nos estágios iniciais da transformação de uma indústria para a sustentabilidade, são principalmente os novos entrantes que buscam oportunidades sustentáveis. Isto acarreta uma reação das empresas incumbentes, i.e., que já atuam no setor, que passam a incorporar atividades de empreendedorismo sustentável em suas estratégias. Assim, é o impacto resultante das interações entre novos entrantes e incumbentes que promove a transformação para sustentabilidade em setores específicos de atividades empresariais.

A sustentabilidade como florescimento, ou seja, como uma idealização de futuro que vá além da sobrevivência humana, foi proposta por Schafer, Corner e Kearins (2015). Nesse sentido, segundo os autores, alguns requisitos devem ser observados. No que diz respeito a crenças e valores, deve prevalecer o comportamento humano direcionado ao cuidado do outro e da natureza, e a promulgação da justiça e igualdade social. Este comportamento deve ser acompanhado da adoção de sistemas complexos de pensamento e abordagem holística para alcançar a raiz dos problemas de insustentabilidade. Os autores ressaltam, ainda, a necessidade de uma atitude responsável que considere os lucros como meios para alcançar um fim maior (sustentabilidade) e não como um fim em si



RELISE

175

mesmo, respeitando os limites do planeta, com o uso de abordagens participativas e colaborativas nas decisões.

A adoção de formas de pensar mais holísticas e transdisciplinares no que diz respeito à criação de empreendimentos sustentáveis foi defendida, também, por Shrivastava, Ivanaj e Persson (2013). Para eles, o tratamento efetivo dos problemas atuais de sustentabilidade exige a adoção de uma abordagem que seja transversal às fronteiras acadêmicas, o que leva à adoção da transdisciplinaridade nos estudos e na prática da gestão sustentável.

As proposições relacionadas ao empreendedorismo sustentável surgiram, também, em campos de estudos mais restritos. Este foi o caso de Crnogaj, Rebernik, Hojnik e Gomezelj (2014) que desenvolveram um modelo conceitual multinível para o estudo holístico do empreendedorismo sustentável no turismo. Este modelo considerou dimensões associadas ao nível do indivíduo empreendedor, do empreendimento e do destino turístico em termos regionais e nacionais. Outro exemplo é o estudo de Rodríguez-Pose e Palavicini-Corona (2013) que revelaram que empreendedorismo e sustentabilidade são dimensões importantes para a implantação de estratégias de desenvolvimento econômico local. Outro estudo de escopo mais restrito focou na proposição de uma teoria de médio alcance para o empreendedorismo urbano que considera a sustentabilidade parte de um modelo complexo que relaciona oportunidades, contexto e o processo empreendedor (COHEN; MUÑOZ, 2015).

Educação para o empreendedorismo sustentável

No conjunto de textos analisados, apenas três trataram do tema da educação para o empreendedorismo sustentável. Parra (2013) sugeriu que há a necessidade de incorporar novos valores no processo de ensino/aprendizagem de



RELISE

176

empreendedorismo de forma a transformar comportamentos em direção a um futuro sustentável em termos sociais, ambientais e econômicos. Nesse sentido, a autora argumenta que é necessário incorporar os valores da sustentabilidade desde o momento inicial do processo empreendedor, i.e., a concepção da ideia empreendedora.

Para Lans, Blok e Wesselink (2014), a integração entre a educação para a sustentabilidade e empreendedorismo deve ser baseada no desenvolvimento de competências. Os autores propuseram um conjunto de sete competências que devem ser desenvolvidas: pensamento sistêmico; adoção da diversidade e interdisciplinaridade; pensamento antecipatório; habilidade para desenvolver, negociar e conciliar normas e objetivos com *stakeholders* internos e externos; capacidade de agir; competências interpessoais; e gestão estratégica.

Por fim, Badulescu *et al* (2014) relataram resultados de levantamento feito com estudantes de MBA para avaliar a atitude destes sobre empreendedorismo sustentável em turismo. Em geral, os respondentes manifestaram uma atitude favorável aos aspectos associados com o empreendedorismo sustentável. Essa atitude mostrou-se mais forte entre aqueles com intenção empreendedora mais elevada.

Aspectos de gestão sustentável

Outra temática recorrente foi a ideia de gestão sustentável, abordando questões relacionadas às áreas funcionais da gestão nas dimensões do empreendedorismo sustentável. Dentre os artigos analisados, quatro foram enquadrados no tema.

Nesse tema, dois artigos abordaram aspectos de investimento e financiamento do empreendedorismo sustentável. No primeiro, Archer e Jones-



RELISE

Christensen (2011) analisaram como o microfinanciamento em países asiáticos em desenvolvimento pode influenciar estratégias ambientalmente orientadas, criando uma tipologia para categorizar iniciativas sustentáveis de microfinanciamento. A tipologia dos autores está dividida em duas dimensões, uma pelo foco que pode ser interno ou externo às organizações, e outra pela intenção, que pode ser a redução, mitigação ou eliminação de impactos ambientais negativos ou a promoção de impactos ambientais positivos. A primeira orientação, autopreservação, é interna com a intenção de redução dos impactos ambientais negativos pela própria organização. A segunda, a evolução, é interna com foco de promover impactos ambientais positivos dentro da própria empresa. A terceira, a sustentação, possui foco externo com objetivo de influenciar *stakeholders* para a redução de impactos ambientais negativos. Por fim, a restauração possui foco externo com a intenção de influenciar os *stakeholders* a promover impactos ambientalmente positivos.

Já no segundo artigo sobre financiamento, Bocken (2015) verificou de que maneira os investidores de capital de risco contribuem para o sucesso de *start-ups* sustentáveis. Os resultados da autora demonstraram que o papel dos investidores de capital de risco não se resume apenas ao financiamento dos negócios, envolvendo funções distintas da sua finalidade, tais como aconselhamento estratégico e acesso à rede de relacionamentos em particular e ao mercado em geral. Outro aspecto destacado foram as razões tanto para sucesso quanto para o fracasso dos empreendimentos sustentáveis financiados. Como principais razões de sucesso destacam-se a inovação no modelo de negócios, a formação de uma rede de colaboração, e o foco em um forte apelo do negócio independente de ser sustentável. Como principais razões para o fracasso destacam-se a falta de investidores apropriados, a existência de uma indústria de incumbentes já estabelecida, e a mentalidade de curto prazo dos investidores de risco.



RELISE

Dois artigos trataram de questões de *marketing*. Hapenciuc *et al* (2015) buscaram correlacionar os tipos de práticas de *marketing* contemporâneo (*marketing* de transação, *marketing* de base de dados, *e-marketing*, e *marketing* de interação) com os três P's do *triple bottom line* (pessoas, planeta, lucro - *profit*) que sustentam o empreendedorismo sustentável em *start-ups*. Os autores não conseguiram encontrar efeitos significativos entre nenhum tipo de prática de *marketing* contemporâneo com qualquer uma das dimensões do empreendedorismo sustentável. Já Balmer, Powell e Grayser (2011) apresentaram a concepção de *marketing* corporativo ético, a qual engloba as noções de responsabilidade social corporativa, ética dos negócios, teoria dos *stakeholders*, e *marketing* corporativo, argumentando que a mesma pode ser influenciada pela percepção de empreendedorismo sustentável em suas dimensões. Salienta-se, contudo, que apesar de reconhecer o empreendedorismo sustentável, os autores não deixaram claro como o mesmo contribui para as discussões acerca do *marketing* ético corporativo.

Empreendedorismo verde

O empreendedorismo verde, ou ecoempreendedorismo, pode ser reconhecido como uma temática relevante nos estudos de empreendedorismo sustentável, uma vez que o tema foi tratado em seis dos artigos analisados.

Dixon e Clifford (2007), ao estudar o caso de uma organização sem fins lucrativos britânica, constataram que o CEO da organização conseguiu por meio do ecoempreendedorismo operar um negócio economicamente viável, sem perder a ideologia ambientalista que motivou a fundação do negócio. Também, os benefícios sociais originados pelas suas atividades foram preservados, mantendo-se fiel ao *triple bottom line*. Parrish e Foxon (2009) investigaram uma empresa



RELISE

179

ecoempreendedora nos Estados Unidos, que entrou no mercado de certificação de energia renovável, as chamadas *green tags*, beneficiando as tribos nativo-americanas que geravam energia limpa em suas propriedades. Os autores argumentaram que tais iniciativas podem ser catalisadoras de mudanças institucionais em direção de uma economia de baixo carbono nos Estados Unidos.

Meyskens e Carsrud (2015) analisaram propostas de modelos de negócios de tecnologias limpas para competição por investimentos, para verificar como a diversidade das parcerias afetou o sucesso de empresas verdes nascentes de tecnologia por meio da mobilização de recursos. Os resultados do estudo demonstraram que os recursos mobilizados não medeiam as relações entre a diversidade das parcerias e o desenvolvimento dos negócios, nem com o desenvolvimento sustentável, e também não com a inovação dos negócios. Deste modo, os autores argumentaram que o sucesso dos negócios não pode ser considerado como mediado pela diversidade das parcerias.

Dois artigos tratam do empreendedorismo sustentável sob a ótica dos impactos ambientais em sentido macro. Gray *et al* (2014) analisaram como o empreendedorismo sustentável foi observado como mitigador dos impactos econômicos e sociais em áreas sob constantes riscos causados pelas mudanças climáticas, estudando uma organização não-governamental nas Ilhas Samoa. Os resultados dos autores demonstraram que as pressões externas forçaram a organização a passar para uma orientação empreendedora sustentável que permitiu identificar oportunidades de negócios para aumentar a resiliência das comunidades locais aos desastres ambientais recorrentes na área. Já Gessa e Toledano (2011) investigaram o empreendedorismo sustentável em áreas de proteção ambiental na Andaluzia, Espanha. As autoras demonstraram que há possibilidade de fomentar atividades empresariais para exploração do turismo em áreas protegidas, de modo



RELISE

180

que as mesmas sejam economicamente viáveis, ecologicamente compatíveis, e socialmente aceitáveis.

Por fim, um artigo tratou do empreendedorismo sustentável em economias em desenvolvimento, estudando o caso da Bósnia e Herzegovina (SILAJDZIC; KURTAGIC; VUCIJAK, 2015). Os autores contextualizaram que as economias em transição convivem com a pressão em direção de um desenvolvimento acelerado, ao mesmo tempo em que há pressão para conservação dos seus recursos naturais. Os resultados da pesquisa apontaram que a estrutura desses países ainda não se mostra adequada para o surgimento de negócios verdes que cumpram a expectativa de observar o *triple bottom line*, uma vez que grande parte dos empreendedores, dos *stakeholders*, ONGS, ou até mesmo dos agentes governamentais bósnios, sequer foram capazes de reconhecer o conceito de empreendedorismo verde.

Oportunidades e recursos

A temática “Oportunidades e Recursos” foi encontrada em cinco artigos. Como ponto de partida para detecção de oportunidades de negócio, Cohen e Winn (2007) descreveram alguns elementos que constituem as imperfeições do mercado, como por exemplo, a ineficiência da firma, externalidades, falhas na formulação de preços e informações assimétricas, estes que, por sua vez, podem contribuir para a degradação do ambiente. Os autores sugeriram que esses elementos oferecem uma ótima fonte de oportunidades para empreendedores sustentáveis.

Schlange (2009) explorou como os empresários com orientação sustentável se relacionam com seus *stakeholders* com a mesma orientação. Segundo o autor, a compreensão de como ocorre o relacionamento possibilita o entendimento da formação dos negócios que, por sua vez, leva ao sucesso, integrando todos os atores em uma espécie de rede de desenvolvimento sustentável. Schlange (2009)



RELISE

ressaltou que os integrantes dessa rede de desenvolvimento sustentável devem estar atentos ao tripé da sustentabilidade, para que os progressos organizacionais atinjam a todas as áreas. Para o autor, um desenvolvimento sustentável pode ocorrer, se todas as partes integradas nos processos possuírem uma orientação voltada à sustentabilidade. Isto possibilita uma cadeia de atores sustentáveis, resultando em processos, produtos e atividades com orientação ao tripé social, econômico e ambiental.

Para compreender a relação do empreendedor sustentável com a inovação, Schaltegger e Wagner (2011) desenvolveram um quadro que possibilita um posicionamento com o intuito de envolver o empreendedor nas atividades voltadas à sustentabilidade, por exemplo, as ações sociais com fins mercadológicos. Esse posicionamento permite ao empreendedor introduzir inovações em seus produtos ou processos de acordo com a necessidade sustentável. Os autores concluíram o estudo afirmando que o desenvolvimento organizacional com fins sustentáveis ocorre em condições específicas de acordo com o movimento do mercado e das inovações sustentáveis, sugerindo, dessa forma, diferentes relações motivacionais das já tratadas na literatura.

Prosseguindo na linha das motivações dos empreendedores sustentáveis, Patzelt e Shepherd (2011) afirmaram que o conhecimento empresarial e a motivação da economia como um todo são insuficientes para gerar oportunidades de desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, o estudo sugeriu que os empresários estão mais propensos a descobrir oportunidades de desenvolvimento sustentável a partir da percepção em relação à ameaça ambiental e na cooperação, preservação e ajuda com a sociedade de forma geral. Ou seja, o conhecimento de ações sustentáveis desempenha papel central nas ações empreendedoras.



RELISE

182

Por fim, oportunidades também são identificadas quando os recursos são escassos. Burg *et al* (2012) afirmaram que empresários conseguem identificar mais oportunidades de negócios quando existe uma limitação nos recursos para inovar. Os resultados do estudo dos autores sugeriram que as limitações da oferta têm um efeito positivo na identificação de oportunidades em geral, mas um efeito negativo na identificação de oportunidades de demanda. Assim, os autores mostraram que as limitações de recursos direcionam a atenção do empresário para oportunidades dentro de domínios restritos.

Orientação e prática empreendedoras

No que diz respeito à temática “Orientação e Prática Empreendedoras”, cinco textos forneceram dados que contribuem com seu entendimento. Keijzers (2002) enfatizou o papel do governo e da iniciativa privada no desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, o autor relaciona um conjunto de critérios que permitem compreender como ocorre esse desenvolvimento. Por exemplo, as mudanças organizacionais a partir das exigências ambientais, a mudança do governo quando pressões externas exigem mudanças tecnológicas que beneficiam ações sociais, inovativas, de infraestrutura e de produção. Por fim, os valores éticos que são gerados a partir das ações das empresas e do governo, criando assim, uma cadeia que beneficia o desenvolvimento sustentável.

Empreendedorismo sustentável para Crals e Vereeck (2005) diz respeito ao compromisso contínuo das empresas em estabelecer ações que permitam o desenvolvimento econômico além da melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores, suas famílias, comunidades locais, da sociedade e do mundo em geral, bem como das futuras gerações. Segundo Crals e Vereeck (2005), essas ações são melhor percebidas em grandes empresas, já que podem ser



RELISE

dispendiosas, sendo negligenciadas pelas pequenas empresas, o que por sua vez, atrasa o desenvolvimento sustentável. Com intenção de melhorar essas condições que as pequenas empresas enfrentam, os autores apresentam um conjunto de ações que permitem a implementação de práticas sustentáveis. Assim, por exemplo, aportes financeiros e uma estrutura de desenvolvimento de tais práticas, criam condições de busca de processos e produtos sustentáveis, que resultam em maior retorno e menores custos de oportunidade a partir de uma estratégia de sustentabilidade.

Spence, Gherib e Biwole (2011), por sua vez, determinaram os fundamentos do empreendedorismo sustentável numa perspectiva internacional sem deixar de observar os aspectos econômicos, institucionais e culturais em empresas de pequeno porte. Por meio do estudo comparativo entre empresários comprometidos com a sustentabilidade e outros menos engajados, mostraram que os valores individuais dos empreendedores são cruciais para o desenvolvimento sustentável. O estudo também mostrou que os estímulos externos são necessários para atingir o mesmo envolvimento ambiental, ao comparar países em desenvolvimento com os já desenvolvidos.

Enfocando as motivações para empreender, Kuckertz e Wagner (2011) afirmaram que indivíduos que estão preocupados com questões de sustentabilidade também apresentam intenções empreendedoras mais fortes. Porém, contrapondo boa parte de outros estudos, Kuckertz e Wagner (2011) argumentaram que essa orientação sustentável individual tende a desaparecer no decorrer do tempo a partir do momento que se entra no mercado empreendedor. Isso ocorre por diversos fatores, como por exemplo, custo de produção elevado, pressões externas, falta de incentivo, falta de prática mercadológica, entre outros.



RELISE

No sentido de buscar como enfrentar esse problema, Gagnon (2012) explorou os valores fundamentais que orientam os empresários sustentáveis. O autor entende que valores arraigados nos indivíduos e demonstrados em ações cotidianas favorecem o empreendedorismo sustentável. Estes incluem a melhoria contínua, frugalidade, cognição holística e moralidade. O conjunto de valores se associa em diferentes formas de envolvimento com a sustentabilidade. Assim, o autor identificou três modos de considerar a sustentabilidade no processo empreendedor que vão desde a orientação para a sustentabilidade até a identificação com a sustentabilidade, passando por um estágio intermediário de compromisso com a sustentabilidade. Os três modos implicam em uma internalização do conceito da sustentabilidade no modelo mental do empreendedor em níveis cada vez mais integrados.

Cavalcanti e Teixeira (2015) afirmaram que o empreendedorismo sustentável segue um novo curso, no qual as empresas modificam seus processos produtivos, produtos e serviços, minimizando os impactos sociais e ambientais, utilizando mais eficientemente a energia e os recursos naturais. Tais ações iniciaram-se a partir da descoberta de oportunidades de mercado, as quais, além de gerar valor, preservavam o ambiente, a sociedade e atendiam as expectativas do público de interesse. Os resultados mostraram que as motivações para abrir seus negócios confundem-se com as motivações para adotar e praticar ações sustentáveis. Nos casos analisados foram desenvolvidas ações nas dimensões econômica, social e ambiental, tendo como principal propósito a redução de custos e o alcance de vantagens competitivas.



RELISE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da literatura internacional sobre empreendedorismo sustentável permitiu verificar que o uso desse termo nem sempre é feito com o rigor conceitual que lhe é devido. A partir da análise dos textos encontrados percebeu-se que a maioria dos autores utiliza o termo para referir-se ao empreendedorismo voltado para questões ambientais. Nessas considerações finais, o primeiro ponto que se ressalta é uma recomendação aos pesquisadores que adotem o termo empreendedorismo sustentável somente quando a análise estiver voltada para as três dimensões da sustentabilidade: social, ambiental e econômica.

Embora, deva-se reconhecer que a análise apresentada nesse texto tenha sido limitada pela busca em apenas uma base de dados científicos, pode-se afirmar que há uma tendência crescente do empreendedorismo sustentável ser adotado como campo de pesquisa relevante para o entendimento de diferentes facetas do fenômeno. Entre elas, destacam-se as questões relacionadas às motivações para empreender de forma sustentável, a percepção de oportunidades sustentáveis, o desenvolvimento de produtos e serviços inovadores sustentáveis e a adoção de práticas sustentáveis por organizações já presentes no mercado e na sociedade.

Para que esse tema se consolide como um campo de pesquisa que possa trazer contribuições teóricas e práticas relevantes sugere-se que novos estudos enfoquem, entre outros, tópicos que aprofundem a eficácia da educação para o empreendedorismo sustentável, no campo da formação para o empreendedorismo. Além disso, para uma compreensão ampliada desse fenômeno deve-se buscar explicações para o entendimento das condições e situações que limitam ou fomentam o surgimento de empreendimentos sustentáveis relacionadas aos indivíduos empreendedores, aos processos inerentes ao empreendedorismo



RELISE

sustentável, e aos contextos socioculturais que possam ser mais propícios a este tipo de empreendimento.

REFERÊNCIAS

ALLEN, J. C.; MALIN, S. Green entrepreneurship: a method for managing natural resources? **Society and Natural Resources**, v. 28, p. 828-844, 2008.

ARAUJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, v. 12, n. 1, p. 11-32, 2006.

ARCHER, G. R.; JONES-CHRISTENSEN, L. Entrepreneurial value creation through green microfinance: Evidence from Asian microfinance lending criteria. **Asian Business & Management**, v. 10, n. 3, p. 331-356, 2011.

BADULESCU, A.; BADULESCU, D.; BAC, D.; SIPOS-GUG, S. Attitudes and intentions of business master students towards sustainable tourism and entrepreneurship. **Amfiteatru Economic**, v. XVI, n. 8, p. 1110-1124, 2014.

BALMER, J. M. T.; POWELL, S. M.; GREYSER, S. A. Explicating Ethical Corporate Marketing. Insights from the BP Deepwater Horizon Catastrophe: The Ethical Brand that Exploded and then Imploded. **Journal of Business Ethics**, v. 102, p. 1-14, 2011.

BOCKEN, N. M. P. Sustainable venture capital e catalyst for sustainable start-up success? **Journal of Cleaner Production**, v. 108, p. 647-658, 2015.

BORGATTI, S. P. **NetDraw Software for Network Visualization**. Lexington, KY: Analytic Technologies, 2002.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; FREEMAN, L. C. **Ucinet for Windows: software for social network analysis**, 2002.

BURG, E.; PODOYNITSYNA, K.; BECK, L.; LOMMELEN, T. Directive Deficiencies: How Resource Constraints Direct Opportunity Identification in SMEs. **Journal of Product Innovation Management**, v. 29, n. 6, p. 1000–1011, 2012.



RELISE

CAVALCANTI, M. C. S.; TEIXEIRA, R. M. Motivações e Ações Sustentáveis Implementadas por Empreendedores do Setor Hoteleiro. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 4, n. 1, p. 92-107, 2015.

COHEN, B.; MUÑOZ, P. Toward a theory of purpose-driven urban entrepreneurship. **Organization & Environment**, v. 28, n. 3, p. 264–285, 2015.

COHEN, B.; WINN, M. I. Market imperfections, opportunity and sustainable entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 22, p. 29-49, 2007.

CRALS, E.; VEREECK, L. The affordability of sustainable entrepreneurship certification for SMEs. **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, v. 12, p. 173–183, 2005.

CRNOGAJ, K.; REBERNIK, M.; HOJNIK, B.; GOMEZELJ, D.O. Building a model of researching the sustainable entrepreneurship in the tourism sector. **Kybernetes**, v. 43, n. 3/4, p. 377-393, 2014.

DEAN, T. J.; MCMULLEN, J. S. Toward a theory of sustainable entrepreneurship: reducing environmental degradation through entrepreneurial action. **Journal of Business Venturing**, n. 22, p. 50-76, 2007

DIXON, S. E. A.; CLIFFORD, A. Ecopreneurship – a new approach to managing the triple bottom line. **Journal of Organizational Change and Management**, v. 20, n. 3, p. 326-345, 2007.

ELKINGTON, J. **Cannibals with forks: the triple bottom line of 21st century business**. Oxford: Capstone, 1997.

FLICK, U. **An introduction to qualitative research**. London, UK: Sage Publications, 2009.

GAGNON, M. A. Sustainable Minded Entrepreneurs: Developing and Testing a Values-Based Framework. **Journal of Strategic Innovation and Sustainability**, v. 8, n. 1, p. 9-25, 2012.

GESSA, A.; TOLEDANO, N. Turismo, emprendimiento y sostenibilidad en los espacios naturales protegidos. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 20, p. 1154-1174, 2011.



RELISE

GIBBS, D. Sustainability entrepreneurs, ecopreneurs, and the development of a sustainable economy. **Greener Management International**, 55, 63-78, 2009.

GRAY, B. J.; DUNCAN, S.; KIRKWOOD, J.; WALTON, S. Encouraging sustainable entrepreneurship in climate-threatened communities: a Samoan case study. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 26, n. 5/6, p. 401-430, 2014.

HALL, J. K.; DANEKE, G. A.; LENOX, M. J. Sustainable development and entrepreneurship: past contributions and future directions. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 5, p. 439-448, 2010.

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, Riverside, 2005.

HAPENCIUC, C. V.; PINZARU, F.; VATAMANESCU, E.; STANCIU, P. Converging Sustainable Entrepreneurship and the Contemporary Marketing Practices: An Insight into Romanian Start-Ups. **Amfiteatru Economic**, v. 17, n. 40, p. 938-954, 2015.

HOCKERTZ, K.; WUSTENHAGEN, R. Greening Goliaths versus emerging Davids - Theorizing about the role of incumbents and new entrants in sustainable entrepreneurship. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 5, p. 481-492, 2010.

ISAAK, R. The making of ecopreneur. **Greener Management International**, v. 38, p. 81-91, 2002.

JENNER, P. Social enterprise sustainability revisited: an international perspective. **Social Enterprise Journal**, v. 12, n. 1, p. 42-60, 2016.

KEIJZERS, G. The transition to the sustainable enterprise. **Journal of Cleaner Production**, v. 10, p. 349-359, 2002.

KUCKERTZ, A.; WAGNER, M. The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions - Investigating the role of business experience. **Journal of Business Venturing**, v. 25, p. 524-539, 2010.

LANS, T.; BLOK, V.; WESSELINK, R. Learning apart and together: towards an integrated competence framework for sustainable entrepreneurship in higher education. **Journal of Cleaner Production**, v. 62, p. 37-47, 2014.



RELISE

MAIR, J.; MARTI, I. Social entrepreneurship research: a source of explanation, prediction, and delight. **Journal of World Business**, v. 41, p. 34-66, 2006.

MEEK, W. R.; PACHECO, D. F.; YORK, J. G. The impact of social norms on entrepreneurial action: Evidence from the environmental entrepreneurship context. **Journal of Business Venturing**, v. 25, p. 493-509, 2010.

MEYSKENS, M.; CARSRUD, A. L. Nascent green-technology ventures: a study assessing the role of partnership diversity in firm success. **Small Business Economics**, v. 40, p. 739-759, 2015.

ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **United Nations Millennium Declaration**. Lisboa: United Nations Information Centre, 2015.

PACHECO, D. F.; DEAN, T. J.; PAYNE, D. S. Escaping the green prison: entrepreneurship and the creation of opportunities for sustainable development. **Journal of Business Venturing**, v. 25, p. 464-480, 2010.

PARRA, S. Exploring the Incorporation of Values for Sustainable Entrepreneurship Teaching/Learning. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 8, n. 1, p. 11-20, 2013.

PARRISH, B. D. Sustainability-driven entrepreneurship: principles of organization design. **Journal of Business Venturing**, v. 25, p. 510-523, 2010.

PARRISH, B. D.; FOXON, T. J. Sustainability Entrepreneurship and Equitable Transitions to a Low-Carbon Economy. **Greener Management International**, 55, 47-62, 2009.

PASTAKIA, A. Grassroots for ecopreneurs: change agents for a sustainable society. **Journal of Organizational Change Management**, v. 11, n. 2, p. 157-173, 1998.

PATZELT, H.; SHEPHERD, D. A. Recognizing Opportunities for Sustainable Development. **Entrepreneurship Theory And Practice**, v. 35, n. 4, p. 631-652, 2011.



RELISE

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. (2016a). **Objetivos de desenvolvimento do milênio**. Recuperado de <http://www.pnud.org.br/odm.aspx>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

PNUD. PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. (2016b). **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Recuperado de http://www.pnud.org.br/Docs/Agenda2030completo_PtBR.pdf. Acesso em: 26 de junho de 2016.

RODRIGUEZ-POSE, A.; PALAVICINI-CORONA, E. I. Does local economic development really work? Assessing LED across Mexican municipalities. **Geoforum**, v. 44, p. 303-315, 2013.

SCHAEFER, K.; CORNER, P. D.; KEARINS, K. Social, environmental and sustainable entrepreneurship research: what is needed for sustainability-as-flourishing? **Organization & Environment**, v. 28, n. 4, p. 394-413, 2015.

SCHALTEGGER, S.; WAGNER, M. Sustainable Entrepreneurship and Sustainability Innovation: Categories and Interactions. **Business Strategy and the Environment**, v. 20, p. 222-237, 2011.

SCHALTEGGER, S. A framework for ecopreneurship: leading bioneers and environmental managers to entrepreneurship. **Greener Management International**, v. 38, p. 45-58, 2002.

SCHLANGE, L. E. Stakeholder Identification in Sustainability Entrepreneurship: The Role of Managerial and Organisational Cognition. **Greener Management International**, v. 55, p. 13-32, 2009.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development: an inquiry into profits, capital, credit, interest and the business cycle**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

SCOTT, J. **Social network analysis: a handbook**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2000.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.



RELISE

SHEPHERD, D. A.; PATZELT, H. The new field of sustainable entrepreneurship: studying entrepreneurial action linking “what is to be sustained” with “what is to be developed”. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 35, n. 1, p. 137-163, 2011.

SHRIVASTAVA, P.; IVANAJ, S.; PERSSON, S. Transdisciplinary study of sustainable enterprise. **Business Strategy and the Environment**, v. 22, n. 4, p. 230-244, 2013.

SILAJDZIC, I.; KURTAGIC, S. M.; VUCIJAK, B. Green entrepreneurship in transition economies: a case study of Bosnia and Herzegovina. **Journal of Cleaner Production**, v. 88, p. 376-384, 2015.

SPENCE, M.; GHERIB, J. B. B.; BIWOLE, V. O. Sustainable Entrepreneurship: Is Entrepreneurial will Enough? A North–South Comparison. **Journal of Business Ethics**, v. 99, n. 335–367, 2011.

THOMPSON, N.; KIEFER, K.; YORK, J. G. Distinctions not Dichotomies: Exploring Social, Sustainable, and Environmental Entrepreneurship. In: G. T. LUMPKIN; J. A. KATZ. **Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth: Social and Sustainable Entrepreneurship**, v. 13. Bingley: UK, p. 201-229.

VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VENKATARAMAN, S. The distinctive domain of entrepreneurship research. **Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence, and Growth**, v. 3, p. 119-138, 1997.

VOGEL, R.; GUTTEL, W. H. The dynamic view of capability view in strategy management: a bibliometric review. **International Journal of Management Reviews**, v. 15, n. 4, p. 426-446, 2013

YORK, J. G.; VENKATARAMAN, S. The entrepreneur–environment nexus: Uncertainty, innovation, and allocation. **Journal of Business Venturing**, v. 25, p. 449-463, 2010.



RELISE

192

YUNUS, M.; MOINGEON, B.; LEHMANN-ORTEGA, L. Building social business models: lessons from the Grameen Experience. **Long Range Planning**, v. 43, n. 2, p. 308-325, 2010.

ZAHRA, S. A.; GEDAJLOVIC, E.; NEUBAUM, D. O.; SHULMAN, J. M. A typology of social entrepreneurs: motives, search process and ethical challenges. **Journal of Business Venturing**, v. 24, n. 5, p. 519-532, 2009.